A FRONTEIRA COMO ESPAÇO DE TRABALHO E AS FRONTEIRAS DO TRABALHO: OS CIRCUITOS DE ROUPAS DE SEGUNDA MÃO EM DOURADOS, PONTA PORÃ (BRASIL) E PEDRO JUAN CABALLERO (PARAGUAI)

THE BORDER AS A SPACE OF WORK AND THE BOUNDARIES OF LABOR: SECOND-HAND CLOTHING CIRCUITS IN DOURADOS, PONTA PORÃ (BRAZIL), AND PEDRO JUAN CABALLERO (PARAGUAY)

LA FRONTERA COMO ESPACIO DE TRABAJO Y LAS FRONTERAS DEL TRABAJO: LOS CIRCUITOS DE ROPA DE SEGUNDA MANO EN DOURADOS, PONTA PORÃ (BRASIL) Y PEDRO JUAN CABALLERO (PARAGUAY)

Iara Cardoso
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
iaracardosogeo@gmail.com

Luciano Duarte
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
lucianopsilva@ufgd.edu.br

Destaques

- Os brechós guardam características do circuito inferior, marcado pelo trabalho intensivo, porém, o circuito de roupas de segunda mão se estende para além desses ateliês, sendo estes o nó de uma rede global que envolve espaços fronteiriços.
- O trabalho de "garimpo" de roupas de segunda mão se difere profundamente de atividades de garimpo ligadas à lógica neoextrativista, tanto nos usos do território praticados, como nos enquadramentos de legalidade e nas estruturas de poder envolvendo questões de gênero.
- O trabalho realizado nos brechós e na fronteira entre Brasil e Paraguai envolve a dedicação a um conjunto de ações cuidadosas de curadoria, destacando o trabalho criativo na construção do acervo/estoque.

v. 16, n. 32, 2025 - ISSN 2176-9559
REL/DOI 10.30612

RESUMO

Este artigo visa trazer algumas reflexões acerca das atividades e firmas que compõem os circuitos de roupas de segunda mão na cidade de Dourados (MS), compreendendo as dinâmicas de fluxos envolvendo a zona de fronteira entre Brasil e Paraguai, em especial que atravessam as cidades-gêmeas de Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). A partir de informações coletadas por meio de entrevistas e trabalho de campo com agentes mobilizadores, foi possível reconhecer a importância que esse espaço fronteiriço possui para abastecer o circuito de roupas de segunda mão na cidade de Dourados. Além disso, com base nessa análise, além das relações de comércio e analisando os diferentes usos do território – ora como recurso, ora como abrigo, observa-se que o espaço fronteiriço também guarda formas de trabalho produtivo e criativo, especialmente na atividade de "garimpo" das roupas, ao mesmo tempo em que essa feição do circuito inferior de roupas de segunda mão borram as frágeis fronteiras da "formalidade" e da "informalidade", sobretudo pela indissociabilidade empiricamente reconhecida no tempo e no espaço do trabalho produtivo e reprodutivo realizado majoritariamente por mulheres que compõem e dinamizam esses circuitos.

Palavras-chave: Economia política das cidades. Circuitos da economia urbana. Brechós. Trabalho. Fronteira.

ABSTRACT

This article aims to offer a series of reflections on the activities and enterprises that compose the second-hand clothing circuits in the city of Dourados (MS), understanding the dynamics of flows in the border zone between Brazil and Paraguay, particularly those traversing the twin cities of Ponta Porã (Brazil) and Pedro Juan Caballero (Paraguay). Based on data collected through interviews and fieldwork with key mobilizing agents, the research understands the significant role that this border space plays in supplying the second-hand clothing circuit in Dourados. In addition, beyond the commercial relationships, and by examining the various uses of territory — sometimes as a resource, other times as a refuge — the analysis reveals that the border space encompasses forms of both productive and creative labour, especially in the activity of "garimpo" (thrifting) of clothing. Simultaneously, this characteristic of a lower-circuit of second-hand clothing blurs the fragile boundaries between "formality" and "informality." This is particularly evident in the empirically recognized interrelation between productive and reproductive labour, both temporally and spatially, predominantly performed by women who make up and energize such circuits.

Keywords: Political economy of cities. Circuits of the urban economy. Thrift stores. Work. Border.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo traer algunas reflexiones sobre las actividades y empresas que componen los circuitos de ropa de segunda mano en la ciudad de Dourados (MS), entendiendo la dinámica de los flujos que involucran la zona fronteriza entre Brasil y Paraguay, especialmente aquellos que cruzan las ciudades gemelas de Ponta Porã

(Brasil) y Pedro Juan Caballero (Paraguay). A partir de información recopilada a través de entrevistas y trabajo de campo con agentes movilizadores, fue posible reconocer la importancia que tiene este espacio fronterizo en el abastecimiento del circuito de ropa de segunda mano en la ciudad de Dourados. Sin embargo, a partir de este análisis, además de las relaciones comerciales y de analizar los diferentes usos del territorio – a veces como recurso, a veces como refugio, se observa que el espacio fronterizo también alberga formas de trabajo productivo y creativo, especialmente en la actividad de "minería" de ropa, al mismo tiempo que esta característica del circuito inferior de ropa de segunda mano desdibuja las frágiles fronteras de la "formalidad" y la "informalidad", especialmente debido a la inseparabilidad empíricamente reconocida en el tiempo y el espacio de los procesos productivos y reproductivos llevados a cabo principalmente por mujeres. quienes conforman y dinamizan estos circuitos.

Palabras clave: Economía política de las ciudades. Circuitos de la economía urbana. Tiendas de segunda mano. Trabajo. Frontera.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, reconhecemos que outras pesquisas muito relevantes já abordam as dinâmicas produtivas dos ramos de vestuários e de confecção a partir das abordagens dos circuitos espaciais produtivos, tal como proposto por Milton Santos (1986), Antônio Carlos Robert Moraes (2017[1989]), Ricardo Castillo e Samuel Frederico (2011), dentre outros tantos; assim como de suas manifestações no interior das cidades dos países subdesenvolvidos, reconhecendo a constituição de circuitos superiores e inferiores da economia urbana, teoria inicialmente formulada por Milton Santos (2008) e com importantes contribuições de Maria Laura Silveira (2013), assim como de outros geógrafos latinoamericanos. Dentre esses trabalhos destacamos os de Silvana Cristina da Silva (2009), em que trata especialmente da produção propriamente dita do circuito de confecção na metrópole de São Paulo; e os de Alexsandra Maria Vieira Muniz (et al., 2022), focada nas relações entre os circuitos superiores e inferiores no comércio de roupas em Fortaleza. Todavia, pesquisas que partam das mesmas abordagens teóricas, porém, tendo como enfoque a produção e comercialização de roupas de segunda mão ainda precisam ser melhor desenvolvidas, o que já foi iniciado anteriormente por nós mesmos em Cardoso (2023).

No presente artigo trazemos novas análises empíricas e reflexões teóricas derivadas da pesquisa anterior, ainda que o recorte espacial mantenha-se o mesmo. A cidade que abriga o nosso objeto de estudo central, o circuito inferior de roupas de

segunda mão na cidade de Dourados, está localizado na porção centro-sul do Estado de Mato Grosso do Sul, dentro da faixa de fronteira brasileira com o Paraguai, sendo ela a segunda maior do estado, com uma população estimada de 227.990 pessoas (IBGE, 2022) e que se configura como uma cidade média (Calixto, 2019), recebendo e exercendo influência sobre os distritos e vários outros municípios ao seu entorno que compõem a microrregião. O contexto regional da cidade de Dourados ainda é marcado por intensas dinâmicas fronteiriças, em que as redes de circulação e intercâmbio se intensificam pela permeabilidade dos limites estatais (Machado, 2010). Isso fica evidente ao considerar que seu núcleo urbano se localiza a aproximadamente 120 km de distância do centro de Ponta Porã, cidade-gêmea de Pedro Juan Caballero, Paraguai, onde se observa uma "fronteira viva" (Faccin, 2015), com alta integração formal e alta integração funcional, se considerarmos a tipologia proposta por Oliveira (2005).

Essas particularidades que conformam a situação geográfica (Silveira, 1999; Cataia; Ribeiro, 2013) de Dourados, uma cidade média numa zona fronteiriça próxima a uma cidade-gêmea com fronteira viva, fazem com que a economia política dessa cidade também ganhe especificidades, o que pode ser identificado pelas "feições regionais" que os circuitos da economia urbana, em especial os inferiores, ganham neste contexto espacial (Montenegro, 2012). Esses princípios analíticos poderiam ser testados no caso do circuito inferior de roupas de segunda mão, pois, se parte significativa das cidades brasileiras, especialmente as que não se localizam na faixa de fronteira terrestre, seriam abastecidas majoritariamente por fornecedores locais e regionais; no caso de Dourados, parte significativa de abastecimento se daria justamente através de sua fronteira com o Paraguai, em especial na cidade de Ponta Porã.

Para além de buscar reconhecer uma "feição regional" específica para o circuito de roupas segunda mão na cidade de Dourados, o presente artigo também busca analisar os diferentes usos do território praticados nos espaços fronteiriços por esse circuito e por aquele de roupas de "primeira mão", se eles apontam mais para um uso como abrigo ou como recurso (Santos, 1998; Gottmann, 2012 [1975]). Pois, se o circuito de roupas de primeira mão, tanto nas suas formas "originais" como "cópias piratas", tenderia a usar os territórios fronteiriços, especialmente como cidades-gêmeas, sobretudo como recurso, expresso nas atividades de circulação e fiscalização, na porosidade (ou

não) dessas fronteiras (Faccin, 2015); o circuito de roupas de segunda mão tenderia a usar esses territórios mais como abrigo, manifesto nas formas de trabalho produtivo e criativo que se realizam nos processos de acondicionamento, “garimpo” e tratamento dessas roupas.

Para alcançar esses objetivos e testar tais hipóteses, o artigo está organizado em três partes. A primeira, “Os brechós e comércio de roupas de segunda mão como nó das redes e alternativa aos mercados globalizantes”, discute como a circulação de roupas usadas vai além da dimensão econômica, revelando dinâmicas sociais, culturais e políticas. A ideia da roupa como expressão da identidade, historicamente, marca diferenças sociais, mas também serve como instrumento de subversão e resistência para grupos marginalizados. A globalização como período da história tem demonstrado a perversidade do modelo econômico vigente que acentua desigualdades e cria assimetrias globais, para o sul global o comércio “informal” representa a sobrevivência de milhões de pessoas. Nesse contexto, os brechós se fortalecem e passam por um processo de reconfiguração como negócios alinhados ao discurso de sustentabilidade ambiental e economicamente viáveis para se reproduzirem nos mercados.

A segunda parte, “A circulação e o “garimpo” de roupas de segunda mão: para além do “legal” e “ilegal””, evidencia as relações entre economia formal e informal, legal e ilegal, além da dinâmica entre normas e práticas sociais. Apesar da proibição da importação de itens usados para revenda, há uma rede estruturada que mantém esse circuito ativo, operando nos limites da legalidade. Esse setor econômico não se restringe apenas à revenda direta, mas envolve um processo criativo e produtivo de “curadoria” realizando ações como a seleção e reinserção das peças no mercado.

Por fim, a terceira parte, "O “garimpo” na fronteira Brasil-Paraguai como práticas criativas do circuito de roupas de segunda mão", apresenta reflexões sobre a aplicação da teoria dos circuitos da economia urbana para compreender a dinâmica do trabalho nesse contexto. O foco recai na conceituação e qualificação das etapas de curadoria, com especial atenção aos elementos criativos envolvidos no processo de seleção e comercialização das peças.

OS BRECHÓS E COMÉRCIO DE ROUPAS DE SEGUNDA MÃO COMO NÓ DAS REDES E ALTERNATIVA AOS MERCADOS GLOBALIZANTES

Partindo de uma perspectiva contemporânea, Crane (2013, p. 323) reconhece que durante a década de 1970 as feiras livres são as principais fontes de roupas de segunda mão para jovens integrantes da subcultura das ruas, estudantes de artes e outros membros de comunidades marginais, com o objetivo de demonstrar suas individualidades e não somente como forma de expressão do status social que ocupa, indicando que compreendia como realizar a subversão das regras da roupa da moda.

> A venda de roupas de segunda mão é uma atividade econômica de importância secundária, embora existam lojas desse tipo na maioria das grandes cidades. Enormes quantidades de roupas usadas são despachadas regularmente para os países de terceiro mundo, onde roupas ainda são bens escassos e usados como escambo (James C. McKinley Jr., "*Where Castoff Clothes Turn into Cash*", em *New York Times*, 15-3-1996, pp. 1-10), e onde os cidadãos mais pobres estão dispostos a usar refugos inadequados e mal ajustados produzidos nos países em desenvolvimento (Crane, 2013, p. 29 - Grifos nossos).

As roupas de menor qualidade vão para o continente africano e de qualidade média para América Latina, enquanto o Japão recebe uma grande proporção de itens de alta qualidade, dessa forma há uma distribuição seletiva, (Hansen, 2004, p. 3, citado por Oliveira; Ferreira, 2015, p. 64). Tal sistema de distribuição internacional de roupas usadas reproduz uma das lógicas que constituem as perversidades da globalização (Santos, 2000), em que as trocas não se estabelecem a partir de formas de solidariedade orgânica entre os lugares, mas sobretudo se estruturam a partir de fluxos que reforçam as lógicas de subordinação entre os lugares.

O trabalho de Oliveira e Ferreira (2015) analisa os reflexos desse comércio global de roupas de segunda mão a partir da rede de distribuição de roupas na fronteira Brasil-Bolívia, especificamente nas localidades distintas de Santa Cruz de la Sierra e Puerto Quijarro, na Bolívia, e Corumbá-MS, no Brasil. A partir dessa análise empírica eles apontam que:

> De modo consistente, o mercado de *prenderias*[1] está situado dentro de

[1] Denominação de acordo com o Decreto Supremo Boliviano n° 28761, de 21 de junho de 2006; não há uma tradução para o português, grosso modo a expressão pode ser traduzida como "produtos usados", porém esta é uma tradução que não dá conta totalmente de sua amplitude no espanhol. (Oliveira; Ferreira, 2015 p. 84).

> um complexo sistema de redes (de comércio internacional específico), se aproveitando de malhas (de transporte e distribuição combinadas internamente) e nós (de estoque e repasses) estruturalmente estabelecidos (Oliveira; Ferreira, 2015, p. 66).

Essa análise aponta para duas características sobre a condição intrínseca desse sistema. A primeira é reforçada pela tese de Ribeiro (2010, p. 19), para quem, além e conjuntamente com as estruturas hegemônicas, haveria uma globalização popular, pois há a subordinação de pessoas pobres nos segmentos mais baixos dessa estrutura piramidal. Ribeiro (2010, p. 22) descreve a globalização popular como "apropriação desigual dos bens econômicos e culturais [que] são realizados pelo povo, que compartilha as condições gerais de produção, circulação e consumo do sistema em que vive [...] ao mesmo tempo em que provê suas próprias estruturas". A segunda condição, aponta para o fato de que a globalização, antes ou ao mesmo tempo em que pode ser analisada como processo integrador, deve ser interpretada, especialmente a partir dos espaços periféricos, enquanto um fenômeno fragmentador dos territórios, seguindo a referência de Haesbaert (1998).

No século XXI, ainda são os mais pobres que frequentam os brechós, sobretudo porque é nesses espaços que as roupas se tornam acessíveis para ampla maioria da população. Contudo, ainda tem certo preconceito para quem consome nesse tipo de comércio, estigmas que vem sendo amplamente desmistificados, principalmente nos marcos do discurso do consumo sustentável e consciente.

Todavia, há um conjunto de práticas sociais que tem auxiliado na consolidação dessa nova narrativa, envolvendo tanto os consumidores quanto os agentes produtores do mercado. Refletindo sobre o estado da arte, observa-se uma mímeses por parte dos agentes, que buscam alterar o imaginário coletivo sobre a paisagem desse tipo de negócio no contexto das formas sociais do comércio. Nesse processo, procuram incorporar elementos estéticos dos comércios de roupas novas, o que também influência a percepção social sobre os preços das mercadorias. Por outro lado, os consumidores adotam uma forma de mimetismo social ao frequentar esses estabelecimentos, movidos pelo objetivo de encontrar peças a preços acessíveis, mas que remetem a produtos de maior preço e características modernas.

A CIRCULAÇÃO E O "GARIMPO" DE ROUPAS DE SEGUNDA MÃO: PARA ALÉM DO "LEGAL" E "ILEGAL"

A condição fronteiriça da cidade de Dourados favorece a realização de trocas comerciais com o país vizinho, dentre os diversos produtos, as roupas. Mas é preciso ressaltar que a importação de bens de consumo usados é proibida no Brasil por força do art. 27 da Portaria DECEX nº 8, de 13 de maio de 1991. Essa normativa foi julgada constitucional pelo STF no julgamento do Recurso Extraordinário 219426/CE, em 11/11/1997. Ela inclui roupas, porém, desde que sejam "de primeira mão", pois se mantém vedada a importação de roupas usadas ou doadas a entidades de interesse público. O objetivo da norma é proteger a indústria têxtil nacional que, em tese, não conseguiria competir com os preços baixos de roupas usadas importadas. Veja:

> Art. 27. Não será autorizada a importação de bens de consumo usados. (Redação dada pela Portaria SECEX Nº 8 DE 01/06/2011).
> § 1º Excetuam-se do disposto neste artigo as importações de quaisquer bens, sem cobertura cambial, sob a forma de doação, diretamente realizadas pela União, Estados, Distrito Federal, Territórios, Municípios, autarquias, entidades da administração pública indireta, instituições educacionais, científicas e tecnológicas, e entidades beneficentes, reconhecidas como de utilidade pública e sem fins lucrativos, para uso próprio e para atender às suas finalidades institucionais, sem caráter comercial, observando, quando for o caso, o contido na Portaria MEFP nº 294, de 6 de abril de 1992. (Parágrafo acrescentado pela Portaria MDIC Nº 235 DE 07/12/2006).
> § 2º A regra constante do caput deste artigo não se aplica às importações de bens destinados à pesquisa científica e tecnológica até o limite global anual a que se refere a Lei nº 8.010, de 29 de março de 1990. (Parágrafo acrescentado pela Portaria SECEX Nº 18 DE 01/06/2011).

Além do caráter competitivo do mercado de venda de roupas, a regulamentação brasileira que proíbe a importação de itens usados para fins comerciais têm como objetivo proteger o país de enfrentar circunstâncias semelhantes ao que ocorre no deserto do Atacama, no Chile, milhares de roupas que foram importadas para a revenda são descartadas de forma "acidental", produzindo um cemitério de resíduos têxteis[2] e uma série de problemas socioambientais.

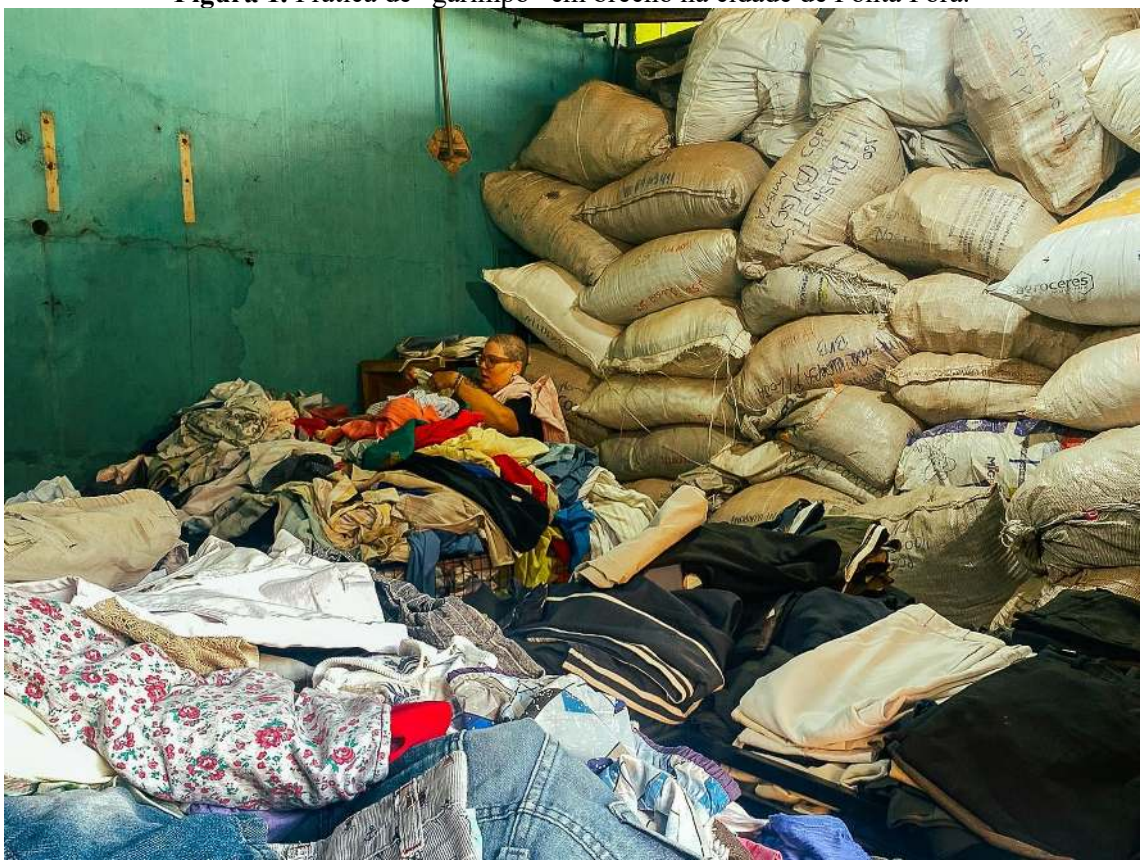
Mas essa condição não impede que o conjunto de articuladores do segmento não vivam na prática comercial entre os limites do que é ilegal ou não, aspecto que destacamos no trabalho, já que desde a formação do comércio de roupas usadas na

[2] Ver mais em https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60144656 Acesso em 30 de março de 2024.

Europa, essa relação com o ilegal já atravessava as relações sociais (Roche, 2007, p.342). Para além da concepção binária da dupla legal/ilegal, as práticas sociais e espaciais que se estabelecem no circuito inferior tecem novos tecidos, buscando garantir a sua sobrevivência na cidade (Telles, 2010). É possível identificar uma rede de importação de roupas usadas para doação que ao chegar no país se subvertem em itens para serem comercializados. Oliveira e Ferreira (2015) destacam tal rede através da relação fronteiriça Brasil-Bolívia.

Essa indistinção, ou mais precisamente, essas relações, conexões e articulações entre o legal e o ilegal, entre o lícito e o ilícito se torna cada vez mais generalizado à medida que o mundo se globaliza, fazendo emergir as chamadas "economias subterrâneas" (Telles, 2010). Tal ponto de interconexão e indeterminação entre a "formalidade" e a "informalidade" das atividades reforça e mostra mais uma vez não só a atualidade como a superioridade explicativa da teoria dos dois circuitos da economia urbana sobre essas atividades econômicas, visto que ela permite romper com o discurso da "modernização", especialmente da "modernização incompleta" que seria uma das marcas do subdesenvolvimento segundo alguns autores, e que se baseia no princípio da "integração" dos pobres ou marginalizados na sociedade (Cataia; Silva, 2013).

Figura 1. Prática de "garimpo" em brechó na cidade de Ponta Porã.



Fonte: Elaboração própria, a partir de trabalho de campo, em novembro de 2024.

O "garimpo" das roupas na fronteira não é o mesmo que "contrabando", geralmente realizado a partir do transporte em grandes volumes de roupas "pirateadas", descartadas ou fruto de doação, como é o caso da circulação das chamadas "Pèpès"[3] na fronteira entre o Haiti e República Dominicana, especialmente entre as cidades-gêmeas de Ouanaminthe e Dajabón (Bourgeois, 2016; Sainté; Cataia, 2023). Ainda que o "garimpo" também possa ser realizado em roupas oriundas de doações, contrabando ou fruto de descarte, tal atividade não visa mobilizar indiscriminadamente um grande volume de roupas com o menor nível possível de controle. Ao contrário, ele busca selecionar de

[3] "no governo de John F. Kennedy, foi criada a agência de assistência humanitária USAID. No âmbito dessa política, os Estados Unidos da América começaram a enviar roupas de segunda mão para o Haiti (Shell, 2006: 154). Os contêineres eram transportados por navio, para diferentes portos haitianos, e as roupas eram, então, distribuídas para a população haitiana como doação [...] O termo pèpè designava a roupa de segunda mão, hoje em dia engloba, no Haiti, toda uma gama de produtos usados, como roupas, calçados, bolsas, acessórios, brinquedos e bichos de pelúcia, veículos, televisões e baterias, entre outros. Na República Dominicana, a denominação pèpè designa apenas roupas e, eventualmente, calçados de segunda mão, sempre provenientes do Haiti" (Bourgeois, 2016, p. 38-39).

forma minuciosa, ver Figura 1, as peças em melhores condições materiais, que possuam algum nível de valor estético e/ou que atendam demandas específicas para sua futura comercialização.

O trabalho de "garimpo" também se distingue profundamente das atividades de "logística" que envolvem a moderna circulação de mercadorias. Pois, ainda que um dos elementos fundamentais da logística, principalmente de caráter internacional, seja a atividade de fiscalização, ou seja, de averiguar atentamente o conteúdo dos "contêineres" e recipientes transportados, como é feito no "garimpo" de roupas, ver Figura 1, isso é feito sobretudo para garantir a segurança nacional e das próprias cadeias de suprimento (Cowen, 2010) e não a integridade dos próprios bens em si. Ao mesmo tempo, essa fiscalização é realizada progressivamente a partir de objetos e sistemas técnicos, como são os escâneres empregados em pátios de portos secos, que geram imagens do conteúdo transportado, evitando ao máximo a necessidade de averiguação física da carga, de modo a garantir maior fluidez territorial e, por sua vez, promover usos corporativos do território (Silva Junior, 2015). No caso da logística postal, a inacessibilidade ao conteúdo dos pacotes transportados é ainda maior, dado o princípio da inviolabilidade do objeto postal, que cria um continente que oculta o conteúdo transportado garantindo assim sua circulação de um lugar de origem até um lugar de destino (Venceslau, 2017). No entanto, o "garimpo" parte de princípios opostos, pois necessariamente envolve a exposição dos conteúdos ocultados pela logística, a averiguação física dos objetos que foram transportados e reorientação dos destinos e dos valores de uso e de troca desses bens, conformando assim novos circuitos espaciais produtivos e promovendo outros usos do território.

Por fim, é fundamental reconhecer que o "garimpo" de roupas de segunda mão se distingue profundamente de outras práticas de garimpo, especialmente aquelas que se configuram como formas extremas do neoextrativismo, como aponta Maristella Svampa (2019). Para a socióloga argentina, tal expressão do neoextrativismo não se resume aos casos de mineração ou extração de recursos naturais ilegais e promovidos por grupos paramilitares, paraestatais, mafiosos e/ou de redes de narcotráfico, pois o próprio Estado e empresas também promovem formas extremas de depredação dos territórios. De todo modo, Maristella Svampa (2019, p. 105) reconhece que em muitos casos o garimpo

mineral, assim como outras estruturas de ilegais de extrativismo, produz configurações socioterritoriais em forma de enclaves onde se aprofundam processos de desorganização socioterritorial, aumento das desigualdades, da violência e da dominação patriarcal.

No sentido diametralmente oposto, o "garimpo" de roupas de segunda mão não promovem ou se valem de formas de organização como enclaves, mas sim de formas profundamente abertas, públicas e de intensa vida popular, como é o caso da concentração dos brechós e áreas do centro comercial de Ponta Porã (como tratado a seguir neste artigo). Além disso, no lugar de um reforço da dominação patriarcal, o "garimpo" de roupas é realizado sobretudo por mulheres, assim como quase a totalidade das etapas do circuito de roupas de segunda mão (Cardoso, 2023). Podemos ainda afirmar que, ao contrário do garimpo neoextrativista, o "garimpo" de roupas potencializa formas de uso do território como abrigo, visto que aquela busca desenfreada e violenta pela extração dos recursos até serem exauridos, enquanto este é atravessado por preocupações da reprodução dos territórios e dos recursos que visam mobilizar.

Há trabalho produtivo, e mais, trabalho criativo nesses espaços. Isso se verifica em diversos aspectos como: em geral são as mulheres, em maioria, proprietárias dos brechós que se deslocam até a fronteira; a seleção (ver Figura 1) se dá com base em uma análise minuciosa em termos de qualidade do material, estado de conservação da peça, especificidades estéticas do objeto e etc.

O "GARIMPO" NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI COMO PRÁTICAS CRIATIVAS DO CIRCUITO DE ROUPAS DE SEGUNDA MÃO

A cidade de Dourados está a 120 quilômetros da fronteira com o Paraguai, onde a cidade de Ponta Porã é conturbada com a cidade de Pedro Juan Caballero - PY, fazendo fronteira internacional seca. A faixa de fronteira é destino comum de compras para toda porção Sul do Mato Grosso do Sul.

A cidade de Ponta Porã ocupa uma extensão territorial de 5.328,5 km², dos quais 100 km² correspondem à área urbana. Por sua vez, Pedro Juan Caballero, cidade paraguaia, abrange uma área de 5.678 km², sendo que apenas 35 km² são ocupados pelo traçado urbano (Lamberti, 2006, p. 61). A estimativa populacional de Ponta Porã é de cerca de 92.017 habitantes (IBGE, 2022), com a maior parte da população concentrada

na área urbana.

A nossa observação das práticas sociais e espaciais (Corrêa, 2007; Pereira, 2024) de "garimpar" na fronteira ocorreu em novembro de 2024, às 07h nos deslocamos por mais de 120 km (1h e 30 minutos de deslocamento) até chegarmos ao primeiro brechó visitado, logo na entrada de Ponta Porã, e nos propomos a acompanhar as ações realizadas por um agente da categoria 02 durante a reprodução do seu trabalho, caracterizamos como agentes os trabalhadores do segmento de roupas usadas, os brechós da categoria 02 são considerados como intermediários em relação aos brechós originais e as franquias, refletindo seu grau de organização, tecnologia e capital e a forma como se insere na dinâmica do mercado em Dourados-MS, ver Quadro 1.

O caminho metodológico adotado baseou-se na coleta de informações por meio de entrevistas e da realização de atividades em campo com agentes envolvidos na produção do mercado de roupas de segunda mão. Essa abordagem permitiu reconhecer a importância desse espaço fronteiriço no abastecimento desse circuito comercial presente na cidade de Dourados (MS).

A situação geográfica contida na relação de conurbação das cidades-gêmeas se dá através do compartilhamento de relações funcionais em diversos graus, lugar em que brasileiros e paraguaios produzem e reproduzem seus meios de vida e tecem no cotidiano um tecido espesso. Destacamos aqui a dinâmica do trabalho, produtivo e criativo que se realiza nos fluxos comerciais a partir da abordagem dos circuitos da economia urbana, tal como proposto por Milton Santos (2008 [1979]).

Os brechós abrigam atividades do circuito inferior, marcado pelo trabalho intensivo, pensamos neles como ateliês do tempo, lugar no qual cada peça é um retalho de períodos do tempo e do espaço, que sobrepostos aguardam um novo encaixe, um novo uso. O trabalho envolve dedicação de tempo há um conjunto de ações cuidadosas de curadoria em que destacamos o trabalho criativo, transformando o passado em novas possibilidades de vestir o presente, em que cada etapa desempenha um papel essencial na construção do acervo/estoque.

Marcada pelo comércio e conhecida localmente como *gusano*, termo em espanhol que remete a uma lagarta de corpo muito alongado (Silveira; Lamoso, 2023, p. 40), a linha internacional possui cerca de 13 km de extensão e no seu entorno se realizam

as principais relações comerciais.

O comércio em Pedro Juan Caballero organiza-se de modo peculiar. As três primeiras avenidas disponibilizam produtos ao mercado turístico, já a partir das ruas posteriores, a organização da cidade atende às necessidades da população paraguaia, tanto com a oferta de produtos específicos ao consumo paraguaio (padarias, mercados, açougues, livrarias, lojas de artesanato), como circulação de veículos que realizam o transporte coletivo, além da prestação de serviços. Ou seja, as primeiras ruas paralelas à linha internacional voltam-se ao turismo de compras enquanto que o "centro" do cotidiano da população pedrojuanina localiza-se além dessas avenidas. Em Ponta Porã ocorre o contrário. O centro comercial e de lazer localiza-se nas três primeiras avenidas paralelas à linha internacional. (Lamberti, 2006, p. 62)

As duas cidades possuem dinâmicas próprias que se complementam a partir dos diferentes usos e interesses. Essa divisão funcional é claramente perceptível e, por meio de uma abordagem empírica realizada em novembro de 2024, foi possível observar a experiência do trabalho criativo envolvido na atividade de "garimpo" – a seleção de peças para um brechó que opera comercialmente na cidade de Dourados.

Durante o decorrer do dia visitamos 11 brechós, ver Mapa 1 – Distribuição espacial dos brechós em Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai), todos distribuídos na linha internacional e nas ruas adjacentes, juntos se mesclam a uma vasta diversidade de comércios distribuídos entre dois locais de compras: o Shopping China Importados (sudeste) e o Supermercado Fortis Atacadista (norte) e demarcando o ponto central, o Supermercado Maxi Atacadista). Todos de nacionalidade paraguaia, com o regime fiscal da fronteira e a lógica do atacado, estes estabelecimentos oferecem produtos com preços mais reduzidos e são locais com alto fluxo de compras, os mercados voltados a alimentação com alguma diferenciação no público-alvo em relação ao Shopping que oferece outros tipos de mercadorias, voltados a tecnologia e outros produtos.

No bairro central há uma vasta disposição de lojas dos mais variados tipos de comércio, com uma diferenciação socioespacial bem delimitada, um circuito de lojas para atender aos turistas e um circuito de mercado para atender as necessidades da população residente (Lamberti, 2006). Através do mapeamento observamos que, primeiro, há duas áreas de concentração dos brechós nas duas laterais centrais e segundo, há uma área com

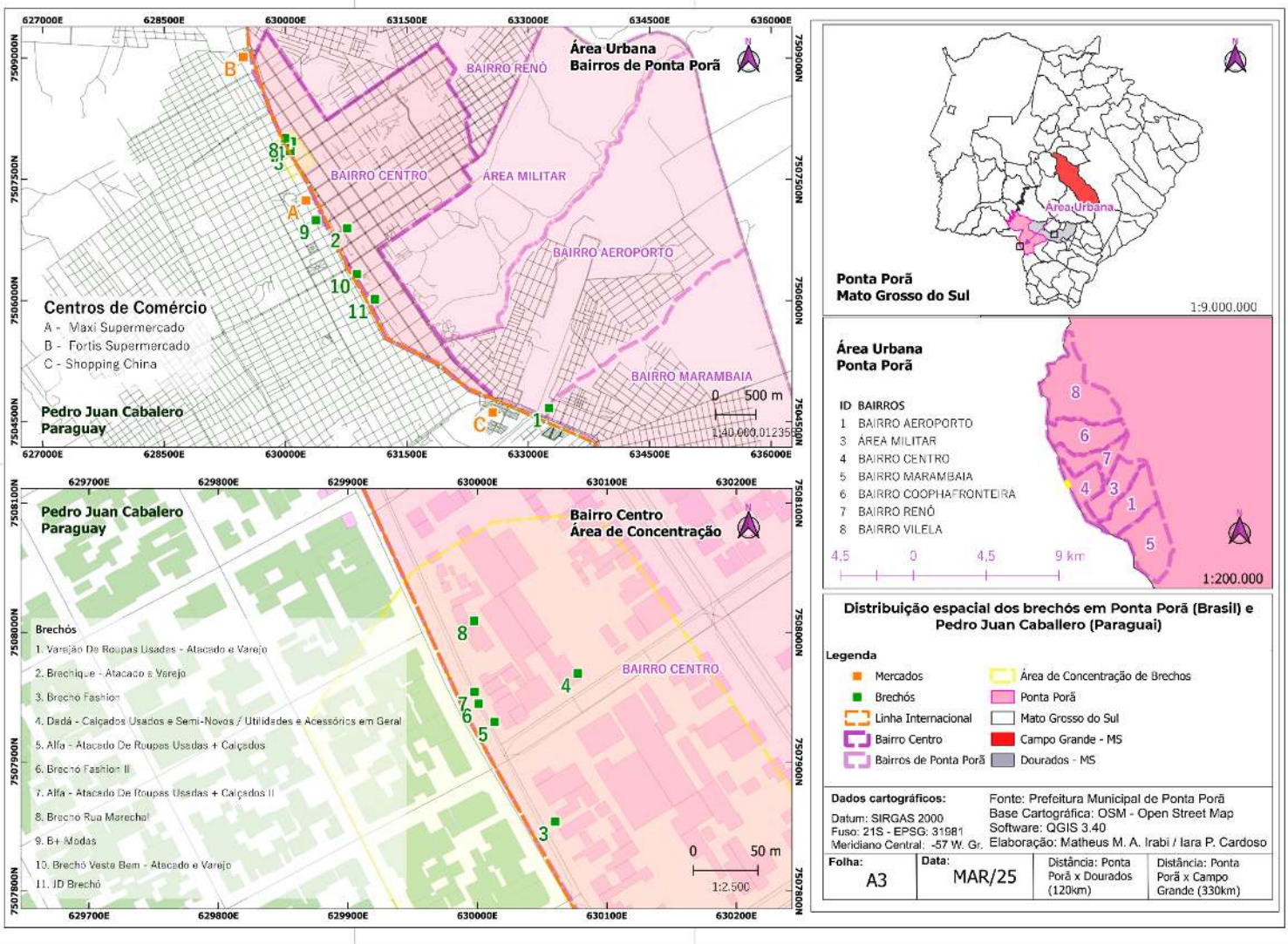
baixa aglomeração com um brechó.

Sobre as áreas de aglomeração: a primeira área de concentração entre os supermercados (sentido pontos de A- Maxi Supermercado para B- Fortis) e possui 06 brechós (Brechó Fashion, Dadá, Alfa, Brechó Fashion II, Alfa II e Brechó Rua Marechal). Notamos que estes brechós possuem locais menores, como pequenos salões, e um grau de organização que era maior, com a maior parte das peças bem dispostas na loja, assim como a presença de outros itens além de roupas, como brinquedos e acessórios e principalmente calçados, réplicas de modelos novos e usados. A segunda área de concentração (sentido pontos de A- Maxi Supermercado para C- Shopping China) é mais dispersa e possui 04 brechós (Brechique, B+Modas, Brechó Veste Bem e JD Brechós).

Nestes verificamos locais mais amplos, como grandes galpões, com uma divisão organizacional maior na área de entrada e menor grau de organização aos fundos, também identificamos que existe uma preocupação maior com a aparência da fachada. Um ponto de observação sobre os brechós da categoria 01 no contexto do comércio na fronteira foi a percepção sobre a divisão do trabalho, usualmente nesta categoria a mão de obra tem característica familiar, mas no caso deste agrupamento foi possível observar a presença de mais funcionários como vendedoras no presencial e em aplicativos, caixas e "estoquistas", demarcando uma setorização e complexificação da organização do trabalho. A área de menor concentração, localizada logo na entrada de Ponta Porã, conta com um único brechó, o Varejão de roupas usadas, uma grande fachada, na parte interna baixo grau de organização das peças, tanto no ambiente interno e quase inexistente nos fundos, com o maior estoque de roupas dispostas em amontoados e uma quantidade imensa de sacos/fardos fechados.

A diferenciação apresentada com base na concentração dos brechós demonstra uma diversidade interna, mesmo todos sendo classificados na mesma categoria, a principal diferenciação qualitativa no caso seria o grau de organização, ver Figura 2, pois seguem compartilhando os mesmos graus de técnica e capital.

Mapa 1. Distribuição espacial dos brechós em Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai).



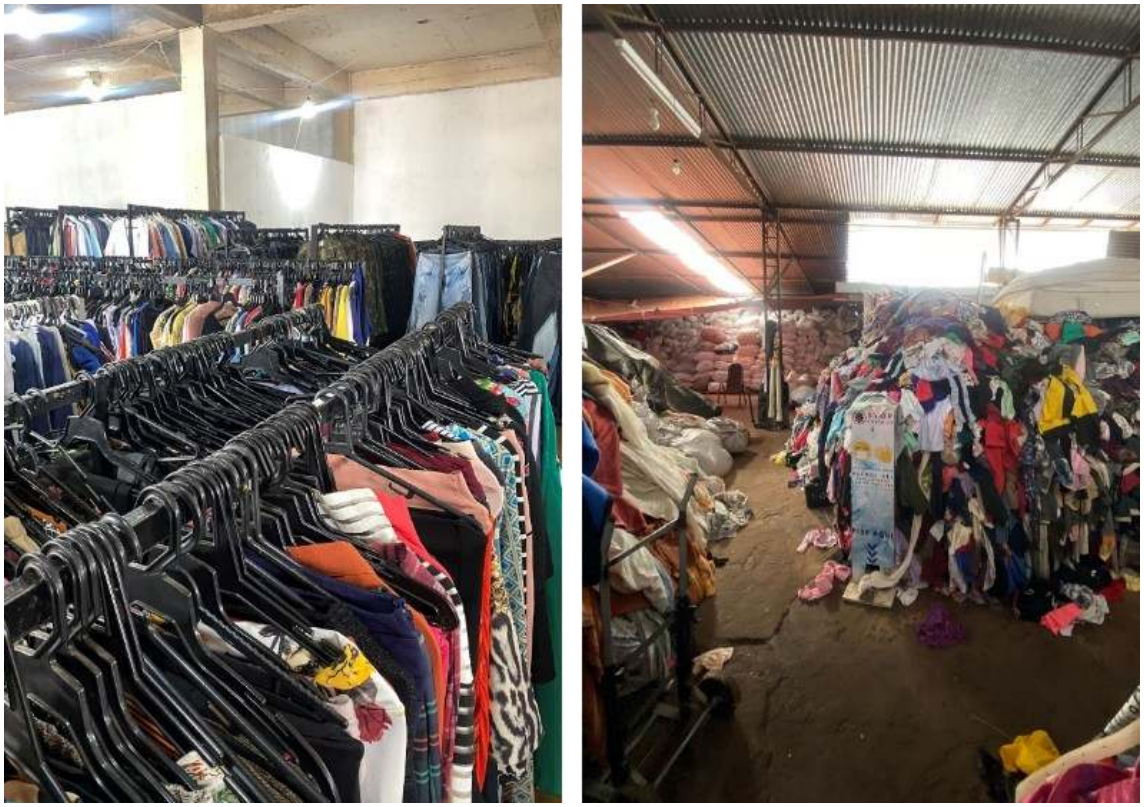
Fonte: elaboração própria (2025).

Em entrevistas, alguns agentes ressaltaram a possibilidade de "garimpar" além da linha de fronteira internacional, em pequenos brechós nos bairros de Pedro Juan Caballero. A situação relatada se alinha ao exemplo de relações fronteiriças das cidades de Corumbá (MS) e Puerto Suarez (Bolívia), reconhecidas e analisadas por Oliveira e Ferreira (2015, p. 78). O comércio de roupas de segunda mão no ano de 2002 chega às feiras livres de Corumbá, logo após a consolidação da malha do gasoduto e explode com o início do asfaltamento da Rodovia Santa Cruz de la Sierra a Puerto Suarez, na segunda

metade da primeira década deste século, solidificando a malha de ligação antes somente constituída pelos caminhos de ferro.

Existe uma relação intrínseca que envolve a ampliação do acesso às roupas "americanas", por consequência da construção de infraestruturas que promovem maior circulação de mercadorias dos países do hemisfério norte com a América do Sul (Oliveira; Ferreira, 2015). Ainda segundo esses autores, as roupas de segunda mão saem de vários países – Estados Unidos à frente – e adentram a América do Sul pelos portos chilenos de Arica e Iquique, a rede se estabelece com a distribuição para outras cidades andinas: La Paz, maior cidade e capital administrativa da Bolívia, e de lá para um conjunto de pequenas cidades menores, em maior volume, para Santa Cruz de la Sierra.

Figura 2. Diferentes graus de organização e disposição das roupas nos brechós 'Brechique' (esquerda) e 'Varejão de roupas usada' (direita), localizados em Ponta Porã



Fonte: Elaboração própria, a partir de trabalho de campo realizado em novembro de 2024.

Dessa forma, em trabalhos anteriores, observamos em vários brechós em Dourados a presença de peças estrangeiras, como peças vintages, "originais", novas e

usadas provenientes dos Estados Unidos da América (USA), sendo comercializadas principalmente nos brechós da categoria 02, pois associam essas características a uma certa valorização do preço final da mercadoria, processo que só é possível através da curadoria. Retomamos logo abaixo o Quadro 1, derivado e publicado em pesquisa anterior (Cardoso, 2023), com o intuito de dar maior detalhamento às características específicas encontradas em cada categoria, porém, adaptando-o com novos elementos identificados a partir dos novos trabalhos de campo realizados em Ponta Porã.

Considerando os elementos de análises propostos por Santos (2008), e a partir da abordagem relacional dos circuitos, entendemos que não há dualismo entre os circuitos, os dois têm a mesma origem, do mesmo processo de modernização tecnológica, mesmo conjunto de causas e apresentam interligações. Entretanto, os usos que desencadeiam novas formas de consumo serão um dos fatores de diferenciação. Ainda assim, é indispensável afirmar que, apesar de uma aparente interdependência, o circuito inferior em geral se apresenta como subordinado ao circuito superior, do mesmo modo que as atividades rurais tradicionais dependem das atividades modernas (Santos, 2008 p. 56).

Cada circuito é definido pelo conjunto das atividades urbanas e as populações associadas a essas atividades em certo contexto, se diferenciando através da função em diversos graus de capital, tecnologia e trabalho (Santos, 2008, p. 43). Essa perspectiva relacional possibilita compreender dinâmicas do circuito inferior como o fato dos agentes mobilizadores da categoria 02 se deslocam até a fronteira para se abastecerem de "matérias-primas" nos brechós da categoria 01.

Quadro 1. Classificação e caracterização de Brechós na cidade de Dourados-MS

Variáveis	Categoria 01 Brechó "original"	Categoria 02 Brechó "intermediário"	Categoria 03 Franquias
Tecnologia	Capital e Trabalho intensivos	Trabalho intensivo	Capital intensivo
Organização	Primitiva	Burocrática	Burocrática
Capitais	Importantes (compram em grande escala)	Reduzidos	Importantes
Emprego	Reduzidos (familiar ou temporário)	Reduzidos e/ou nulos (familiar ou temporário)	Volumoso (de 3 a 9 funcionários)
Assalariado	Não-obrigatório	Não-obrigatório	Dominante
Estoques	Grande quantidade qualidade inferior e/ou superior	Pequena quantidade qualidade superior	Grande quantidade qualidade superior
Preços	Fixos (em geral), mas submetidos a discussão entre comprador e vendedor (haggling)	Fixos (em geral)	Fixos (em geral)
Crédito	Reduzido bancário institucional e Pessoal não-institucional	Pessoal não-institucional	Bancário institucional
Margem de Lucro	Reduzida por unidade, mais importante pelo volume de negócios	Elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios	Reduzida por unidade (na maioria das vezes 50/50), mais importante pelo volume de negócios
Relações com a clientela	Diretas, personalizadas	Diretas, personalizadas	Indiretas, generalizada
Custos Fixos	Importantes	Importantes	Importantes
Publicidade (paga)	Carros de som nos bairros	Necessária, Patrocínio nas redes sociais	Necessária, Patrocínio nas redes sociais
Reutilização dos bens	Frequente	Frequente	Frequente
Overhead capital (capital indireto)	Reduzido e ou Dispensável	Reduzido e ou Dispensável	Indispensável
Ajuda governamental	Nula ou quase	Nula ou quase	Nula ou quase
Dependência direta do exterior	Reduzida ou nula	Reduzida ou nula (importação de tendências)	Reduzida ou nula (importação de tendências)

Fonte: Baseado em Santos (2008), adaptado de Cardoso (2023) com dados da Pesquisa de Campo.

Podemos observar que a Categoria 01, como os brechós mais antigos, são caracterizados por espaços amplos, muitas vezes galpões com pouca iluminação, grande acúmulo de roupas antigas e condições de limpeza precárias. Neles, predominam peças de décadas passadas, algumas ainda com etiquetas do antigo CGC, substituído pelo CNPJ em 1998, o que indica itens com meio século de existência. Os estoques são vastos, chegando a centenas de milhares de peças, geralmente sem avaliação de qualidade, design ou higienização. A mão de obra é predominantemente familiar, informal ou temporária, com negócios transmitidos entre gerações. Os preços são os mais baixos do setor e frequentemente negociados. Apesar da modernização nos meios de pagamento, com a adesão ao PIX e cartões, o uso de tecnologia ainda é limitado, sem sistemas informatizados para gestão ou emissão de comprovantes.

Ao seu turno, a Categoria 02 apresenta brechós que adotam elementos de lojas convencionais para modernizar sua aparência e romper com estereótipos. Com espaços organizados e visualmente atrativos, esses brechós investem em iluminação, cores e identidade estética para se diferenciar. O principal aspecto desse modelo é a curadoria, processo pelo qual as peças são criteriosamente selecionadas por estilo, marca e categoria, muitas vezes adquiridas nos brechós “originais” (categoria 01) através do "garimpo". Além da triagem, as roupas passam por higienização, pequenos reparos e customização antes de serem comercializadas. A venda ocorre tanto em lojas físicas, onde as peças são expostas de forma estratégica, quanto em plataformas digitais, com forte presença nas redes sociais, além da presença em eventos como feiras criativas e eventos específicos de vendas presenciais do setor. O estoque é mais limitado, tanto pelo investimento necessário quanto pela restrição de espaço, e os preços são previamente definidos, com pouca margem para negociação, mas com a possibilidades de descontos. A gestão geralmente é individual, com empreendedores atuando de forma autônoma ou como microempreendedores. A tecnologia tem um papel essencial nesse modelo, com o *smartphone* sendo o objeto técnico em conjunto com aplicativos de redes sociais e plataformas financeiras, para vendas, divulgação e interação com clientes.

Como discutido anteriormente, apesar da expressão “garimpo” ser associada à atividade econômica da mineração e de extrativismo, tal prática social e espacial relacionada às roupas de segunda mão possui diversas especificidades que a distinguem em sentido diametral da relacionada à mineração. De todo modo, podemos dizer que o “garimpo” de roupas de segunda também se centra na procura ou exploração de “metais ou minerais preciosos”, o “garimpeiro” é o responsável pela ação de “explorar os diversos meios”. Os agentes que aqui mobilizamos também procuram “jóias”, porém, suas “montanhas” são de roupas usadas. Processo que se inicia pelo deslocamento até os espaços onde as peças estão dispostas, no caso a fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, e que se prolonga até ser disponibilizada para venda, aqui especialmente na cidade de Dourados..

O “garimpo” se constitui como uma das etapas fundamentais de um longo processo produtivo e criativo que neste segmento é chamado de “curadoria”. Tal como em instituições artísticas, galerias, museus e espaços voltados à cultura, em que existe a

figura do sujeito responsável por administrar e organizar o acervo ou patrimônio artístico, no segmento de roupas de segunda mão também reconhecemos a figura do "curador". Nesse ramo produtivo a curadoria é realizada sobretudo por mulheres, e essas curadoras se autointitulam "Brechózeiras, brechóleiras, brechonistas" e variações, nomenclaturas que também são utilizadas pela comunidade de consumidores como título de reconhecimento, assim como ocorre no circuito de arte (Dell'avanzi, 2019). Para além dos agentes diretamente vinculados ao circuito de roupas, e sobretudo no contexto de difusão dos discursos neoliberais, as curadoras ou brechózeiras ganham outras nomeações, como: empreendedores locais, empresários, atribuições administrativas.

Encontramos então nessa etapa da curadoria cinco momentos principais:

1. O deslocamento: considerando o "garimpo" na zona de fronteira, é necessário se deslocar de um município a outro, um percurso que de veículo particular dura no total (ida e volta) cerca de 3 horas, sendo possível ser realizado também via transporte de ônibus rodoviário, variando o tempo de duração.
2. A organização do roteiro: considerando o tempo do deslocamento e o horário de fechamento dos comércios, o tempo para a seleção de peças fica em torno de 6 ou 7 horas com uma pausa para o almoço, esse tempo é flexível, podendo se estender. A escolha dos locais se baseia num conhecimento prévio e também nas relações de comunicação estabelecidas entre os agentes, principalmente quando há alguma informação de "chegada de lotes" ou trocas de estação.
3. O reconhecimento do ambiente: observação da organização das peças, nesse caso temos uma diferença de grau de organização nos brechós da mesma tipologia, a diferenciação acaba se dando em uma divisão no salão ou em ambientes anexados aos fundos, a parte frontal do salão com uma disposição por tipos, gêneros e tamanhos e um setor ainda com sacos cheios para uma triagem inicial.
4. A seleção das peças: nesse momento as ações estão voltadas a perceber, no primeiro momento, a condição das peças, dado o contexto no qual elas normalmente se encontram o olhar nesse primeiro momento está atento para manchas, rasgos ou furos, se os botões e zíperes estão funcionando, se o tecido está desgastado ou com bolinhas. Essas questões são analisadas para saber se a peça é uma mercadoria viável ou não, além de reconhecer a quantidade de trabalho

que aquela peça vai demandar, ou seja, se há a necessidade de algum reparo ou mesmo de se transformar em outro modelo. No segundo momento surgem as preocupações de ordem estética, para isso, são observadas a modelagem da peça, *vintage* ou atual? Inverno ou verão, os tipos de tecido, naturais ou sintéticos? No terceiro e último momento a preocupação está na análise do público que o brechó atente, no caso do circuito inferior a relação compra e venda é mais direta, a curadora nesse caso ajusta as peças a uma ideia que ela possui dos gostos e preferências do seu público-alvo.

5. O pagamento: este é o momento que envolve sempre uma negociação, os agentes dos dois tipos de brechós se reconhecem, principalmente porque nesse caso o volume de compras é sempre na modalidade de venda no atacado, e com base na forma de pagamento e na quantidade das peças, é possível negociar o preço final. Nesse momento o cálculo de custo-benefício acontece, mas nesse caso há outras variáveis além do preço entram na conta, como a "marca" da peça ou se ela tem valor histórico como algo atemporal ou memorável para a moda que ao final poderiam ser variantes que agregam valor simbólico à peça.

Após esse processo inicial de seleção, as atividades seguintes envolvem higienização (geral e manchas), beneficiamento através de reparos de costura, tingimento ou remoção de pelos e bolinhas do tecido, secagem e finalização da peça (passar ferro). As próximas ações envolvem outros elementos dos brechós através da gestão, logo, precificação, controle no estoque, fotografia, gestão de campanhas envolvendo os lançamentos (temáticos ou clássicos como por estações do ano), usualmente feito através de "*drops*" semanais via redes sociais e a organização física da loja. Destacamos aqui o trabalho de gestão de plataformas, vendas online e presencial, todo mediado por aplicativos, tanto para divulgação quanto para vendas.

Todo esse processo, além de uma atividade produtiva, configura-se também como uma modalidade de trabalho criativo, onde, além da transformação da matéria em um novo produto, como várias das etapas descritas que envolvem o tratamento material da roupa, há também elementos de inventividade e de recriação que desempenham um papel essencial nesse circuito, visto que o "garimpo", como praticado na fronteira entre

Brasil e Paraguai, faz parte do processo de curadoria de roupas de segunda mão. O conceito de circuito espacial produtivo, portanto, permite reconhecer que elementos de "criatividade" que configuram diversas feiras, encontros, bazares e outros eventos da chamada "economia criativa" não se restringem apenas a estes eventos e às cidades onde eles se realizam, mas também sua região imediata e outros espaços para além das fronteiras nacionais. Por essas razões, deve-se reconhecer as artes, a cultura, o turismo, o artesanato, a moda e outras expressões da economia criativa como elementos do planejamento e do desenvolvimento urbano e regional (Markusen; Gadwa, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento da relação entre os circuitos de roupas de segunda mão, principalmente os que atravessam a fronteira brasileira, e as dinâmicas que envolvem os mercados desses produtos na economia das cidades, expresso na figura dos brechós e em seus processos de produção como aqui descrito, ajuda mais uma vez a superar tanto as tipologias pouco explicativas de "ilegal" e "informal" ou de "lícito" e "ilícito", assim como contribui para fazer avançar as discussões sobre "inclusão" ou "exclusão". Reconhecer a indissociabilidade e as contradições desses circuitos produtivos com a economia política das cidades e com frações superiores dessas mesmas atividades, no caso de vestuário, faz atentar para sua participação ativa na dinamização de toda a economia do território, gerando renda e promovendo o consumo. Ao mesmo tempo, aponta para suas vulnerabilidades e fragilidades em comparação aos agentes que compõem os circuitos mais elevados, em grande parte pela falta de apoio e valorização, seja pelo Estado seja pelas estruturas de capital e de tecnologia, fundamentais para sustentar sua existência.

A teoria dos dois circuitos da economia urbana operacionalizada na análise dos brechós na cidade de Dourados e, portanto, na zona de fronteira e em suas relações com a cidade-gêmea de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, também permite compreendermos a fronteira não somente na dimensão da circulação e do comércio, mas como espaço de trabalho produtivo e criativo. Pois, como é tipicamente reconhecido em atividades ou firmas que compõem os circuitos inferiores, a baixa complexidade na divisão do trabalho, em que não raro seja notável a presença de autônomos, e a elevada

intensidade do trabalho, dada a baixa intensidade de capital e de tecnologia empregada (SANTOS, 2008), fazem com que seja recorrente a identificação do trabalho realizado por uma única pessoa em praticamente todas as etapas do processo de produção das roupas de segunda mão. Essa pessoa, em geral uma mulher, é a mesma pessoa que realiza as atividades de tratamento, limpeza e reparos (se necessário) das roupas, assim como de composição da loja, atendimento da clientela e elaboração das exposições e feiras, e que se desloca até a fronteira para realizar o trabalho de "garimpo", portanto de seleção e coleta, e do transporte das roupas de segunda mão até seu estabelecimento.

Todo esse processo deve ser entendido fundamentalmente como uma expressão de trabalho produtivo, mas também como uma forma de trabalho criativo. Por essa razão, a esse circuito produtivo não cabem as categorizações recorrentes no senso comum e, por muitas vezes, nas estruturas do Estado e de suas instituições jurídicas sobre a circulação de mercadorias dessa natureza (usadas, descartadas ou de segunda mão) pelas fronteiras, tratando-as, assim como aqueles e aquelas que as fazem circular, como "ilegal" ou "legal". Ainda assim, a constituição desses circuitos revela a precariedade e a vulnerabilidade desses trabalhos e atividades econômicas nos contextos urbanos e fronteiriços.

Com base nessa análise, além de relações de comércio, observa-se que o espaço fronteiriço também guarda formas de trabalho produtivo e criativo, especialmente, mas não unicamente, na atividade de "garimpo" das peças de roupas. Visto que nessa etapa produtiva se reconhecem processos complexos, ainda que penosos, de fina habilidade técnica e estética, que envolvem desde o deslocamento e permanência durante longos períodos nos espaços de armazenamento de grandes quantidades de peças de roupas, até mesmo a separação, análise e identificação de qualidades específicas de cada uma dessas roupas. Ao mesmo tempo, essa feição do circuito inferior de roupas de segunda mão borram as fronteiras da frágil dualidade "formalidade" e "informalidade", seja pelos profundos laços entre agentes e espaços que fogem aos enquadramentos fiscais e normativos dessas categorias, seja pela indissociável, não só teórica, mas empiricamente reconhecível no tempo e no espaço das dimensões produtivas e reprodutivas do trabalho, o que fica ainda mais patente na figura das mulheres trabalhadoras que atravessam e constituem esses circuitos.

REFERÊNCIAS

BOURGEOIS, Catherine. Os “Pèpès” contra o Estado: circulação de artigos têxteis de segunda mão na fronteira Haiti - República Dominicana e negociações sobre sua comercialização. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 43, n. 1, p. 36–59, 2016.

CALIXTO, Maria José Martinelli Silva. **O processo de consolidação da centralidade regional de Dourados-MS na rede urbana: uma contribuição para a análise de uma cidade média.** GEOUSP Espaço e Tempo (Online), v. 23, n. 3, p. 582–601, 22 out. 2019.

CARDOSO, Iara Pereira. **O Mercado de roupas de segunda-mão em Dourados-MS: um olhar geográfico sobre os brechós.** Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, 2023.

CASTILLO, Ricardo Abid; FREDERICO, Samuel. **Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo.** Revista Sociedade & Natureza, v. 22, n. 3, p. 461–474, 18 mar. 2011.

CATAIA, Márcio; SILVA, Silvana Cristina Da. **Considerações sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana na atualidade.** Boletim Campineiro de Geografia, v. 3, n. 1, p. 55–75, 2013.

CATAIA, Márcio; RIBEIRO, Luis Henrique Leandro. **Análise de situações geográficas: notas metodológicas de pesquisa em geografia.** Revista da Anpege, v. 11, n. 15, p. 9–30, 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. **Revista Cidades**, v. 4, n. 6, 2007.

COWEN, Deborah. A Geography of Logistics: Market Authority and the Security of Supply Chains. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 100, n. 3, p. 600–620, 25 jun. 2010.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas.** Tradução de Cristiana Coimbra. 2 ed. São Paulo: Editora Senac, 2013.

DELL’AVANZI, Mariana Pereira de Almeida. **Geografias da arte: o circuito de arte, as feiras internacionais e a SP-Arte**. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2019.

FACCIN, Ana Carolina Torelli Marquezini. **Circuito inferior da economia urbana na atualidade e práticas comerciais na fronteira: circulação de mercadorias e transformações espaciais entre Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY).** Boletim Gaúcho de Geografia, v. 42, n. 2, p. 455–474, maio 2015.

GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 2, n. 3, p. 523–545, 2012.

HAESBAERT, Rogério (org). **Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo**. Niterói: EdUff, 1998.

IBGE. **Dourados (MS) | Cidades e Estados.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/dourados.html>. Acesso em: 27 mar. 2025.

IBGE. **Ponta Porã (MS) | Cidades e Estados.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/ponta-pora.html>. Acesso em: 27 mar. 2025.

LAMBERTI, Eliana. **Dinâmica comercial no território de fronteira: Reexportação e territorialidade na conurbação Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.** 93 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, MS, 2006.

MACHADO, Lia Osório. **Cidades na fronteira internacional: conceitos e tipologia.** In: NUÑES, Angel; PADOIM, Maria Medianeira; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado De (Org.). Dilemas e diálogos platinos. Dourados: Editora UFGD, 2010.

MARKUSEN, Ann; GADWA, Anne. Arts and Culture in Urban or Regional Planning: A Review and Research Agenda. **Journal of Planning Education and Research**, v. 29, n. 3, p. 379–391, 1 mar. 2010.

MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira et al. **Relações entre os circuitos superior e inferior no comércio confeccionista em Fortaleza-CE**. Revista de Geografia, v. 39, n. 1, p. 82–105, 8 abr. 2022.

MONTENEGRO, Marina Regitz. **Globalização, trabalho e pobreza no Brasil metropolitano. O circuito inferior da economia urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém.** Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado De. **Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico-práticos.** In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado De (Org.). Território sem limites. Estudos sobre fronteiras. Campo Grande: Editora UFMS, 2005.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado; FERREIRA, Fernanda Loureiro. **A fronteira Brasil-Bolívia na rede de distribuição de roupas de segunda-mão.** GeoTextos, 2 dez. 2015.

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. Práticas espaciais. **GEOgraphia**, v. 26, n. 56, 15 maio 2024.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **A globalização popular e o sistema mundial não hegemônica**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 25, ed. 74, p. 21-38, 2010.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII).** São Paulo: SENAC, 2007.

SAINTÉ, Guerby; CATAIA, Márcio. Território e fronteira: o comércio entre as cidades de Ouanaminthe (Haiti) e Dajabón (República Dominicana). **Sociedade e Território**, v. 35, n. 3, 2023.

SANTOS, Milton. **Circuitos espaciais da produção: um comentário.** In: BARRIOS, Sonia (Org.). A construção do espaço. São Paulo: Nobel, 1986.

SANTOS, Milton. Da política do Estado à política das empresas. **Cadernos da Escola do Legislativo de Minas Gerais**, n. 6, p. 9–23, dez. 1998.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Silvana Cristina Da. **O papel do circuito inferior de confecções da cidade de São Paulo na dinamização das interações espaciais da América do Sul.** Revista GeoNordeste, n. 1, p. 61–84, 2009.

SILVA JUNIOR, Roberto França Da. Fiscalizar com fluidez: o nó logístico aduaneiro de Foz do Iguaçu-PR e o uso corporativo do território. **Revista GeoUECE**, v. 4, n. 7, p. 88–102, 2015.

SILVEIRA, Giovane Silveira da; LAMOSO, Lisandra Pereira. **O comércio na fronteira de Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai) e sua relação com o Programa Bolsa Família.** In: Fronteiras, territórios & políticas públicas. FERREIRA, Patrícia Silva; SILVA, Charlei Aparecido da. Porto Alegre: Totalbooks, 2023.

SILVEIRA, Maria Laura. **Uma situação geográfica: do método à metodologia.** Revista Território, v. IV, n. 6, p. 21–28, jun. 1999.

SILVEIRA, Maria Laura. **Da pobreza estrutural à resistência: pensando os circuitos da economia urbana.** Ciência Geográfica, v. XVII, n. 1, p. 64–71, dez. 2013.

SVAMPA, Maristella. **As Fronteiras do Neoextrativismo na América Latina: Conflitos Socioambientais, Giro Ecoterritorial e Novas Dependências**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

TELLES, Vera da Silva. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal.** Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

VENCESLAU, Igor. **Correios, logística e uso do território: o serviço de encomenda expressa no Brasil**. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2017.

Recebido em março de 2025.

Revisão realizada em maio de 2025.

Aceito para publicação em agosto de 2025.